

ARAUTO

1957
OUTUBRO
ANO I
N.º 1

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e impresso na Tipografia do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

PALAVRAS de apresentação

Um grupo de estudantes do Liceu da Horta resolveu lançar agora a público o primeiro número de um Jornal Académico, a exemplo do que fazem os alunos de outros Liceus.

Reata-se assim uma tradição. Já vai longe o tempo em que a Juventude Escolar do nosso Distrito se distinguia pelo gosto do jornalismo académico. Evoquemos neste momento o notável contista picoense, Nunes do Rosa, que na sua passagem pelo Liceu, se notabilizou como impulsionador da actividade literária dos estudantes através de pequenos jornais.

A ideia da publicação do «Arauto» surgiu o ano passado. Dificuldades de vária ordem impediram que a iniciativa fosse coroada de êxito.

Este ano, com a criação do 3.º ciclo, os rapazes tomaram novo alento, e puseram mãos à obra com todo o afinco. E temos, enfim, o «Arauto» a encetar os seus primeiros passos.

Jornal modesto, sem pretensões, feito por jovens inexperientes em jornalismo, mais confiado na boa vontade que os anima do que na prática das letras — não se pode exigir muito dele, e espera-se dos leitores a natural indulgência para com uma obra incipiente, de certo imperfeita. O «Arauto» no entanto apresenta-se como uma promessa.

Constitui um meio excelente, ao alcance de todos os estudantes, para fomentar e estimular o gosto pelo jornalismo. É um campo aberto às possibilidades de todos os que se sintam inclinados a escrever, tentando expôr o seu pensamento a um pequeno público, e assumindo a responsabilidade da sua expressão. Pelo exercício das faculdades naturais de inteligência e sensibilidade estética, pode o estudante aperfeiçoar e desenvolver os seus conhecimentos, nas colunas desta folha académica, que assim contribui para a criação do interesse por uma actividade relacionada com a cultura.

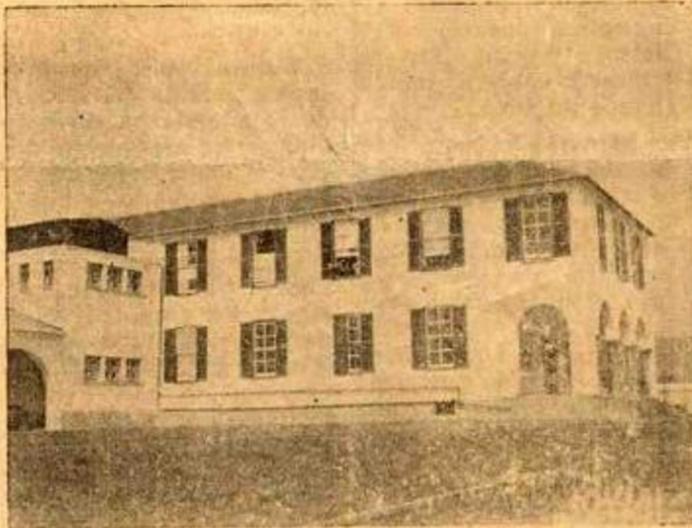
O «Arauto» terá carácter informativo, recreativo, doutrinário e cultural na medida do possível. Segundo esta multipla orientação, oferece à mocidade académica uma oportunidade para a produção de trabalhos de índole diversa, de acordo com as tendências individuais.

Bem hajam os estudantes que se esforçaram para que ele fosse uma realidade.

T. R.

OS LIVROS

É com bastante pesar que verificamos não termos na maioria interesse quase nenhum pelas leituras sérias.



LICEU NACIONAL DA HORTA

Como nasceu o «ARAUTO»...

A ideia da formação dum jornal académico no nosso Liceu já vem de há muitos anos. Muitos outros rapazes de boa vontade e desejosos como nós de levantarem o nível geral do nosso primeiro estabelecimento de ensino diligenciaram a elaboração dum periódico seu. Contudo dificuldades de ordem vária opuseram-se a tal, concorrendo para que os entusiasmos arrefecessem e o Liceu continuasse na sua rotina de sempre, sem nada por que os

alunos se pudessem interessar, mostrando as suas possibilidades além do estudo.

No passado ano lectivo esboçaram-se de novo tentativas prometedoras — interesse dum certo número de alunos que tomaram a seu cargo diversas secções, pronto apoio da parte do Reitor, Sr. Dr. Manuel Luís da Rocha Silveiro, que quando soube das nossas intenções imediatamente pediu autorização superior, e visível boa-vontade do nosso orientador sr. Dr. Tomás da Rosa.

Não entanto «o homem põe e Deus dispõe» e o «Arauto» (era este o título que já então lhe havíamos destinado), apesar de todas as perspectivas favoráveis à sua fundação, não chegou a sair.

Este ano, ainda nas férias grandes, um grupo de rapazes daqueles que a sorte bafejara com a vinda do 6.º ano, alegres, confiantes, vendo assim o «seu» Liceu «subir» mercê da intervenção de outrem, quiseram também que ele «subisse» por um caminho por eles construído. E essa «subida», pensámos nós, havia de começar pela publicação dum jornal.

Pusemos mãos à obra, surgindo de-de logo as dificuldades, dentre as quais se destacava o caso da impressão. Contudo tivemos nm amigo no Sr. Dr. Raposo de Oliveira, Director do jornal «Correio da Horta», que apoiou com a sua palavra eloquente as nossas intenções e prometeu-nos fazer o possível para que o

Já temos o 3.º Ciclo!

É esta a exclamação simples mas significativa que agora pronunciamos, sintese do pensamento d'uma juventude franca, que compreende, agradecida, o valor do beneficio com que foi contemplada.

Foi sem dúvida alguma um acontecimento de grande importância para a elevação do nível de vida intelectual do nosso Distrito, assim o apreciamos mesmo antes de reconhecermos o aspecto material das vantagens que receemos.

Assim neste momento, que consideramos grande, ao publicarmos o 1.º número deste Jornal Académico, não queremos, de maneira alguma, deixar de sublinhar com

merecido relevo os esforços daqueles, que, mais de perto, se interessaram para que fosse levada a bom termo, esta velha e legítima aspiração das nossas gentes, filhas da mesma terra que viu nascer homens ilustres, no serviço da Igreja e da Pátria, como D. José da Costa Nunes, Vice-Camareiro da Santa Sé, e o Dr. Manuel de Arriaga, 1.º Presidente da República Portuguesa eleito, e ex-patrono do nosso Liceu.

Queremos, pois, manifestar os nossos mais sinceros agradecimentos ao Governo de Salazar na pessoa do seu representante entre nós, Sua

Excellência o Governador do Distrito, Senhor Doutor António de Freitas Pimentel, a cujas diligências incansáveis e alto espirito de compreensão dos interesses culturais destas ilhas ficamos devendo a concessão do 3.º ciclo ao Liceu Nacional da Horta.

Muito devíamos já à iniciativa do nosso prestigioso Governador, bem o reconhecemos, mas agora, mais do que nunca, sentimo-lo mais de perto, mais pessoalmente e por conseguinte com mais gratidão.

Sem dúvida a sua acção persistente e dinâmica contribuiu em alto grau para que o Governo da Nação resolvesse este nosso momentoso problema — a criação do 3.º ciclo.

Assim neste momento, que consideramos grande, ao publicarmos o 1.º número deste Jornal Académico, não queremos, de maneira alguma, deixar de sublinhar com merecido relevo os esforços daqueles, que, mais de perto, se interessaram para que fosse levada a bom termo, esta velha e legítima aspiração das nossas gentes, filhas da mesma terra que viu nascer homens ilustres, no serviço da Igreja e da Pátria, como D. José da Costa Nunes, Vice-Camareiro da Santa Sé, e o Dr. Manuel de Arriaga, 1.º Presidente da República Portuguesa eleito, e ex-patrono do nosso Liceu.

Queremos, pois, manifestar os nossos mais sinceros agradecimentos ao Governo de Salazar na pessoa do seu representante entre nós, Sua

Excellência o Governador do Distrito, Senhor Doutor António de Freitas Pimentel, a cujas diligências incansáveis e alto espirito de compreensão dos interesses culturais destas ilhas ficamos devendo a concessão do 3.º ciclo ao Liceu Nacional da Horta.

Muito devíamos já à iniciativa do nosso prestigioso Governador, bem o reconhecemos, mas agora, mais do que nunca, sentimo-lo mais de perto, mais pessoalmente e por conseguinte com mais gratidão.

Sem dúvida a sua acção persistente e dinâmica contribuiu em alto grau para que o Governo da Nação resolvesse este nosso momentoso problema — a criação do 3.º ciclo.

Assim neste momento, que consideramos grande, ao publicarmos o 1.º número deste Jornal Académico, não queremos, de maneira alguma, deixar de sublinhar com

merecido relevo os esforços daqueles, que, mais de perto, se interessaram para que fosse levada a bom termo, esta velha e legítima aspiração das nossas gentes, filhas da mesma terra que viu nascer homens ilustres, no serviço da Igreja e da Pátria, como D. José da Costa Nunes, Vice-Camareiro da Santa Sé, e o Dr. Manuel de Arriaga, 1.º Presidente da República Portuguesa eleito, e ex-patrono do nosso Liceu.

Queremos, pois, manifestar os nossos mais sinceros agradecimentos ao Governo de Salazar na pessoa do seu representante entre nós, Sua

Excellência o Governador do Distrito, Senhor Doutor António de Freitas Pimentel, a cujas diligências incansáveis e alto espirito de compreensão dos interesses culturais destas ilhas ficamos devendo a concessão do 3.º ciclo ao Liceu Nacional da Horta.

Muito devíamos já à iniciativa do nosso prestigioso Governador, bem o reconhecemos, mas agora, mais do que nunca, sentimo-lo mais de perto, mais pessoalmente e por conseguinte com mais gratidão.

Sem dúvida a sua acção persistente e dinâmica contribuiu em alto grau para que o Governo da Nação resolvesse este nosso momentoso problema — a criação do 3.º ciclo.

Assim neste momento, que consideramos grande, ao publicarmos o 1.º número deste Jornal Académico, não queremos, de maneira alguma, deixar de sublinhar com merecido relevo os esforços daqueles, que, mais de perto, se interessaram para que fosse levada a bom termo, esta velha e legítima aspiração das nossas gentes, filhas da mesma terra que viu nascer homens ilustres, no serviço da Igreja e da Pátria, como D. José da Costa Nunes, Vice-Camareiro da Santa Sé, e o Dr. Manuel de Arriaga, 1.º Presidente da República Portuguesa eleito, e ex-patrono do nosso Liceu.



Os estudantes do Liceu Nacional da Horta saúdam o glorioso Chefe do Governo da Nação

(Segue na 4.ª página)

(Segue na 4.ª página)

JORNAL DA MOCIDADE -- PARA A MOCIDADE

A Mocidade Portuguesa na formação da Juventude

Segundo Platão a criança, que desde os mais tenres anos for educada na honestidade e rectidão, cumprirá nobremente o seu destino quando for homem e atravessará a vida sem perigo de naufragar.

Sim! Desde que haja alicerces a obra conservar-se-á firme e incapaz de ser derrubada. Assim a criança que hoje é inocente e livre de preconceitos mundanos, se for bem orientada, sem dúvida virá a ser um bom membro da Nação, engrandecendo assim o valor da Pátria.

Quando nós nascemos, já eram muito antigos sobre a terra, entre as mulheres e homens, raparigas e rapazes, certos falsos preconceitos recíprocos sobre a mentalidade do sexo.

Mas não há regra sem excepção e não existem duas almas iguais. Impossível, pois, julgar em série e diagnosticar, adentro da psicologia, por comparação histórica.

E' preciso haver observação concreta dum lado e doutro; confiança e expansão sincera dum lado e doutro.

E' preciso reagir contra essa espécie de duelo galante, às vezes bastante idiota, muito do agrado de algumas e alguns.

A M. P. tem por lema o pensamento latino: "Mens sana in corpore sano..."

Maria Emília Santos

Problema importante

Quando nós nascemos, já eram muito antigos sobre a terra, entre as mulheres e homens, raparigas e rapazes, certos falsos preconceitos recíprocos sobre a mentalidade do sexo.

Mas não há regra sem excepção e não existem duas almas iguais. Impossível, pois, julgar em série e diagnosticar, adentro da psicologia, por comparação histórica.

E' preciso haver observação concreta dum lado e doutro; confiança e expansão sincera dum lado e doutro.

E' preciso reagir contra essa espécie de duelo galante, às vezes bastante idiota, muito do agrado de algumas e alguns.

Cruzado sou! Envergo uma couraça,
Jurei meus votos num missal aberto!
Eu me persigno confessando a Raça,
Eu me persigno em nome do Encoberto.

António Sardinha

Uma visita ao Capelo Redação Escolar

Fui há dias visitar o Capelo.

Tudo estava com um aspecto desolador. O verde escuro dos montes não se destacava na lincura dum céu azul de outono. As casas fechadas davam-nos a impressão de grande tristeza. Não se ouvia o chilrear das crianças, nem a voz dos lavradores anunciando a alegria das suas colheitas.

Tudo estava envolvido num silêncio profundo.

Algumas pessoas que apareciam, mostravam-se muito recolhidas e timidas, pois eram vizinhas dum espectáculo da natureza que enchia a todos de susto -- um ferroz vulcão que rebentara próximo daquela encantadora povoação, onde antes as crianças pulavam de contentes, apanhando borboletas postas a leveza nas flores, para sentirem o contacto do cetim das suas pétalas, ou então brincando com os seus pequenos carrinhos, que

eram sem dívida presentes do Natal do ano passado. Todas gozavam e alegria da sua idade infantil, poucos dias antes desta grande catástrofe.

Pois esse monstro lançava agora constantemente novos de algodão para o mar de um azul desbotado, e que se conservava calmo para melhor sentir a macia sensação dessas finas meadas que engrossavam cada vez mais.

De entre a alvura deste algodão saíam manchas negras que toldavam as finas nuvens que subiam para o céu azul claro, depois de se espreguiçarem no mar de superfície polida como a dum espelho.

Foi este facto maravilhoso, e ao mesmo tempo cheio de horror, que destruiu toda a alegria que reinava nesse cantinho do meu País.

Deixei o Capelo, e sentia-me triste por ver a grande transformação que ali se dera em tão poucos dias. Cheguei à cidade da Horta. Observei de novo o movimento e um pouco de alegria, o que me fez lembrar mais uma vez do Capelo, que tenho agora sempre presente, sentindo a grande tristeza das casas abandonadas.

Pois o que mais me impressiona é a solidão.

Deixei o Capelo, e sentia-me triste por ver a grande transformação que ali se dera em tão poucos dias. Cheguei à cidade da Horta. Observei de novo o movimento e um pouco de alegria, o que me fez lembrar mais uma vez do Capelo, que tenho agora sempre presente, sentindo a grande tristeza das casas abandonadas.

Pois o que mais me impressiona é a solidão.

Deixei o Capelo, e sentia-me triste por ver a grande transformação que ali se dera em tão poucos dias. Cheguei à cidade da Horta. Observei de novo o movimento e um pouco de alegria, o que me fez lembrar mais uma vez do Capelo, que tenho agora sempre presente, sentindo a grande tristeza das casas abandonadas.

Pois o que mais me impressiona é a solidão.

Maria Regina de Serpa
3.º Ano -- B

Do nosso Liceu!

Como nos demais anos realizou-se no passado dia 1 de Outubro a tradicional Sessão Solene de abertura das aulas. Em primeiro lugar tomou a palavra o Ex.º Senhor Reitor, Dr. Manuel Silveira, que focou alguns assuntos de interesse para o Liceu; em seguida falou o sr. Dr. Tomás da Rosa, ilustre professor de Português e nosso Editor, que dissertou sobre os sentidos da palavra Cultura e sobre a necessidade do interesse cultural entre os estu-

dantes; encerrando a Sessão, Sua Excelência o Chefe do Distrito, Sr. Dr. António de Freitas Pimentel, salientou a importância do 3.º ciclo para a elevação do nível cultural do nosso meio.

— Como todos sabem encontra-se a funcionar este ano no L. N. H., a alínea F do 6.º aao, com a frequência de 17 alunos, cujos professores são: Dr. José Benarás — Filosofia e Organização Política; Dr.ª D. Maria Zoraida Saldanha —

(Seguir na 3.ª página)

REALIZAÇÃO

No constante rodopiar da vida, mais uma folha se volta, mais uma página começa.

Tudo o que já se foi pertence ao passado, esse mundo de coisas que construímos, que foram nossos e que para tornarmos a viver e a sentir, temos de recordar... Lá muito longe, sepultadas no seio de recordações saudosas, jazem eternamente as nossas alegrias, as nossas tristezas, os nossos sucessos, os nossos fracassos -- as nossas realizações.

Já tudo morreu!... Já nada é nosso!...

Agora, surge o presente, momento decisivo da nossa existência em que mais ideias nascem, mais anseios ocorrem, e a nossa vida recomeça numa nova realização, já porque é a concretização de novas aspirações, já porque o passado findou.

E, num incessante idealizar, vamos concebendo planos, vivendo a vida em expectativas, numa tendência sempre crescente de mais e mais desejos a realizar.

E tudo passa. Passam os anos, as alegrias e as desventuras; passa mesmo velozmente o nosso tempo liceal com as mais doces recordações; morrem as horas felizes, levando consigo uma parte de nós mesmos, e lá vão também os momentos amargos que nos forjam o carácter no cadinho da dor, mostrando-nos a vida tal qual ela é na realidade. E, com tudo isto, a vida vai também a

pouco a pouco extinguindo-se, como vela a consumir-se, até que entramos no limiar da Eternidade.

Mas... então realmente tudo se eclipsa assim nas sombras do passado, sem ao menos nos deixar leves vestígios? Tudo se sepulta assim no mundo da recordação e da saudade, sem possuímos ao menos uma relíquia que nos lembre o que já fomos? Não haverá algo de sublime que se realize e perdure eternamente?

Sim, certamente. E' o esforço o que vale a pena exercitar, porque esse, e só esse, perdura e se liberta da lei da morte.

Realizar obras que fiquem e sejam úteis, agora e no futuro -- eis a divisa do momento presente. Enfrentar as dificuldades (se é que há dificuldades), transpô-las, passar além de realizações banais e depois aumentar o coeficiente sempre crescente de vontade forjada e de entusiasmo, na expectativa de mais uma obra sempre desejada, eis o ideal.

E, vivendo sempre na ansia de novidades, realizando umas e esperando outras, vamos construindo uma vida útil à sociedade, porque é realizada num esforço contínuo e pessoal.

Começando assim numa escola de aspiração ao mais alto e num aperfeiçoamento constante das nossas actividades, poderemos mais tarde ser autores

de obras mais valiosas e úteis ao próximo, pon-do as nossas vidas ao serviço do bem comum.

Então não poderemos morrer, porque o esforço é imortal a testemunhar, como padrão, a nossa passagem por esta vida, que para nós teve sentido.

Avante, pois, por uma útil realização e por um mundo melhor!

Judite Machado

No Campo

Finda o dia. Os lavradores sobem pelas estradas das aldeias e o fumo das chaminés eleva-se lento e vagaroso.

As enxadas ainda estão mornas; o aço do arado ainda vibra; os montes de terra sentem-se felizes nas leiras fecundadas; e toda a terra sente-se feliz pelo fruto que há-de produzir.

E o dia cai, e o fumo sobe.

Tudo repousa, tudo parece dormir, num imenso abandono.

Tudo está cansado; os montes, as cores, as fontes, as flores, os animais, as enxadas, o Homem; tudo emudece.

Em breve escurecem os vales, e o fumo lá continua subindo na sua eterna e profunda tristeza, produzida pelas saudades que leva do lar.

A rude gente regressa do campo morto e esfalfada pelo trabalho árduo e vê o rebrilhar da luz no lar.

E o fumo sobe ainda lento, muito lento, na sua imensa tristeza; e sobe, sobe tanto, que por fim acaba por confundir-se com as numerosas nuvens negras e cinzentas.

Manuel Betencourt

Soluções

- Natalício
- Remo
- Basket
- Rugby
- Halterofilismo
- Volley
- Tenis
- Hoquei
- Badmington
- Pescaria
- Ciclismo
- Campismo
- Waterpolo
- Tiro
- Alatismo
- Automobilismo
- Piano
- Buro
- Drama
- Mundo
- Reter
- Adobe

JORNAL DA MOCIDADE-PARA A MOCIDADE

“ARAUTO”

pelo Desporto e pela Educação Física

Faz Ginástica pela Manhã I SÉRIE

I — De pé, pernas afastadas, mãos atrás da nuca: — abaixa o tronco para a frente, procurando olhar por entre as pernas, depois, eleva o tronco, para cima e para trás, ficando com o corpo em arco.

II — De pé, pernas afastadas: junta os braços estendidos à frente do corpo, depois eleva-os sempre estendidos até à altura da cabeça.

III — De pé, pernas afastadas e braços estendidos à altura dos ombros: — inclina o tronco para a frente e roda-o ora para a esquerda, ora para a direita, tocando com as mãos no solo.

IV — De pé, pernas afastadas e braços cruzados atrás das costas; flexiona e estende as pernas elevando e baixando o corpo nas pontas dos pés.

V — Sentado, braços estendidos horizontalmente, pernas erguidas: — aproxima e afasta as pernas conservando-as estendidas.

VI — Deitado de costas, pernas e braços estendidos; aproxima e afasta as pernas, fazendo o mesmo com os braços.

VII — Sentado, pernas estendidas e braços elevados à altura do ombro: — repete o exercício anterior.

VIII — Sentado, pernas afastadas, braços estendidos horizontalmente: roda o tronco para um lado e outro, procurando tocar com as mãos ora no pé esquerdo, ora no direito.

IX — Deitado de frente: procura segurar com as mãos os tornozelos, erguendo o tronco, e oscila o corpo para a frente e para trás, apoiando o abdómen.

Obs.: — Repete cada um destes exercícios cinco a dez vezes. No intervalo de cada um respira profundamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Estuda bem o exercício para o fazeres correctamente. Antes dos exercícios lava a boca, limpa o nariz e satisfaz as necessidades fisiológicas. Usa pouca roupa, trabalha diante do espelho, se for possível; é mais atraente e facilita a correcção; se notares que não podes fazer o exercício de uma forma completa, trata de executá-lo aos poucos. Nada de ginástica em quarto fechado: ar, muito ar fresco e puro. Depois da execução da série de exercícios que hoje publicamos, toma um banho frio e fricciona-te bem.

(De «Natura»)

Campismo

Dentro de um plano que faço tenção de expor aos nossos leitores sobre a M. P., escolhi hoje para este primeiro número do ARAUTO o tema — Campismo. Antes, porém, de me introduzir neste assunto, quero, como é justo, dirigir as minhas primeiras palavras para aqueles que tiveram a bela iniciativa de dar ao nosso meio académico um jornal de jovens e para jovens. São, pois, para estes os meus sinceros parabéns, por terem levado a cabo tão bela obra.

Cingindo-me ao tema que escolhi para hoje, o que tenho a dizer sobre Campismo é pouco, mas talvez qualquer coisa de novo para aqueles que nunca o praticaram, e é principalmente para estes que escrevo estas humildes linhas.

Ora, podemos equiparar o Campismo a um desporto em que não só serão admitidos os atletas que tenham um bom físico, mas principalmente um carácter nobre, digno de um verdadeiro campista. Sim, para ser campista é sem dúvida necessário ter uma boa formação física e moral para enfrentar em todas as ocasiões os problemas que se lhe deparam.

Para mim o Campismo deve ser puro, isto é, deve ser praticado longe dos aglomerados, para que estejamos só

em contacto com a natureza. Para isso o melhor lugar para o praticar será sem dúvida a montanha. Os pioneiros modernos escolheram deliberadamente a montanha como um quadro onde se devia desenrolar uma fecunda experiência do homem.

Senhor de energias e de grande apoio moral, o homem pode escolher a vida que julga digna. Assim fará o campista que, tranqueando obstáculos em total liberdade, traçará a sua pista. A montanha como a planície não torna ninguém selvagem, pelo contrário humaniza. A acção purifica. O perigo eleva. A nobreza de um empreendimento liberta a personalidade daquele que o realiza.

Pois se assim é, tomemos, rapazes, a iniciativa e pratiquemos o Campismo como verdadeiros campistas e com um ideal puro e nobre.

V. A.

Do nosso liceu!

(Conclusão da 2.ª página)

Ciências Naturais; Dr.ª D. Maria Ermelinda Pimentel Morgado — Ciências Físico-Químicas; Dr.ª D. Fernanda Aurea da Mota Cruz Gomes — Matemáticas; Dr.ª D. Maria Ivone Ferreira Amorim — Desenho; P.º José Correia da Rosa — Religião e Moral.

—Teve a honra de ser o primeiro professor a

dar aula ao 6.º ano o seu competente professor de Moral, Sr. P.º José Correia da Rosa.

Professores novos

—Como professor de Geografia, lecciona este ano no nosso liceu o Sr. Dr. Machado Bettencourt natural da vizinha ilha do Pico, que já foi professor deste estabelecimento de ensino.

No passado ano lectivo leccionou no Liceu de Angra do Heroísmo. Apresentamos os nossos cumprimentos.

—Na última viagem do «Carvalho Araújo» chegou à Horta a sr.ª Dr.ª D. Fernanda Aurea de Mota Cruz Gomes, professora do 8.º grupo, que vem leccionar no nosso Liceu.

Cumprimentamos.

Pagamento de Propinas

—Está aberto o prazo de pagamento de propinas relativas ao 1.º trimestre cujo período decorre de 25 de Outubro a 5 de Novembro. As quantias são as seguintes: 100\$00 para o 1.º ciclo; 125\$00 para o 2.º ciclo; 30\$00 por disciplina para o 3.º ciclo.

«Temos de reagir pela verdade da vida que é trabalho, que é sacrifício, que é luta, que é dor, mas que é também triunfo, glória, alegria, céu azul, almas lavadas e corações puros, e de dar aos portugueses, pela disciplina da cultura física, o segredo de fazer duradoura a sua mocidade em beneficio de Portugal».

SALAZAR

“Sobe um pouco mais alto na tua vida diária”

quedas são próprias dos fracos.

Mas será preciso que agora façamos tudo para triunfar; é necessário não nos sentirmos desanimados, ainda que os êxitos não venham logo coroar os nossos esforços, mesmo que, depois de termos estudado muito para um exercício, o resultado não corresponda ao trabalho dispendido.

Precisamos, portanto, de nos esforçarmos em inteligência e desprendimento: não abandonar um assunto enquanto não se tiver chegado ao fim, embora ele seja de pouca importância, pois isto ajudar-nos-á muito mais tarde, quando nos surgirem maiores dificuldades.

E tu, ó Rapariga, que andas assim tão desgreopada, pensa no bem que possuis e a que porventura não ligas importância, e desde já principia *Vida Nova*. Sabes que tens esse desejo intenso de cumprir todos os teus deveres. Põe em prática esse desejo, cumpre bem esses deveres, mesmo nas mais insignificantes tarefas diárias. Por pequenas que sejam, logo que forem bem cumpridas, valem muito.

Na nossa vida de estudante devemos procurar ser melhores em tudo. Estamos no principio do ano lectivo e por conseguinte na altura de iniciarmos o ano com um novo programa de estudo e de vida. Deste modo cumpriremos tudo como deve ser, de maneira que as coisas mesquinhas não nos ocupem e assim livremente possamos trabalhar deveras, para mais tarde termos a convicção de que realmente trabalhámos.

Laudelinda

Passatempo

Desportivo

Substitua os pontos por letras de maneira a formar nomes de modalidades desportivas.

- ... A ...
- ... R ...
- ... A ...
- ... U ...
- ... T ...
- ... O ...
- ... N ...
- ... O ...
- ... D ...
- ... E ...
- ... S ...
- ... P ...
- ... O ...
- ... R ...
- ... T ...
- ... O ...

Ver solução na 2.ª página

NOTA

Iniciamos hoje a publicação de séries de exercícios físicos, que procuraremos continuar a apresentar aos nossos leitores nos números seguintes deste jornal, se se julgar conveniente.

Consideramos tal publicação de interesse para os de boa-vontade, como meio de não perderem o treino.

Os nossos exercícios não farão físicos avançados, mas sim corpos são e ginasticados.

Do melhor agrado satisfaremos qualquer dúvida que possa surgir na execução dos exercícios.

O ARAUTO aconselha!

—Sê sereno e alegre, encarando com alma e espírito compreensivo as contrariedades que se te deparam.

—Descansa... mesmo durante o trabalho, durante o estudo; pouco, mas o suficiente para endireitares o corpo, respirares fundo e te abstraires do que estiveres fazendo.

—Nunca te esqueças de endireitar as costas assim como os ombros e puxar o peito para fora, sem exageros.

Completa este simples exercício, que deverás fazer sempre que dele te lembrares, com uma plena respiração renovadora.

—O teu corpo é uma máquina robusta! A Educação Física definir-to-á! Pratica-a, que os resultados serão convenientes!

Contudo essa máquina robusta é delicada, e os excessos aliados a uma vida desregrada aniquilar-ta-ão! Cuidado! Ambiciona sempre o «mens sana in corpore sano».

São assim os Estudantes...

OS DEZ MANDAMENTOS do bom estudante

- 1.º—O Bom estudante não se deixa levar pelo que lhe dizem os professores.
- 2.º—O Bom estudante faz aviões e barcos com os cadernos diários.
- 3.º—O Bom estudante considera sempre a sala de aula como o seu quarto de cama, e a carteira como o seu travesseiro.
- 4.º—O Bom estudante estuda pouco e passeia muito.
- 5.º—O Bom estudante folga muito durante o ano para que no fim não o passe, pois isso constitui uma contrariedade.
- 6.º—O Bom estudante «chumba» vários anos a fim de ficar conhecedor da matéria.
- 7.º—O Bom estudante vai para as salas de estudo aborrecer os professores para aproveitar bem o seu rico dinheirinho.
- 8.º—O Bom estudante tem de meter sempre nos eixos o respectivo encarregado de educação.
- 9.º—O Bom estudante falta sempre às aulas para não ficar a dever nada ao Estado.
- 10.º—O Bom estudante aspira sempre à nobre profissão de «polidor de calçada».

Cúmulos

Havia um homem tão alto que, para se assoar, tinha de subir a um escadote.

Havia um homem tão baixo que, para chegar ao chão, tinha de se pôr em bicos de pés.

Havia um homem tão magro que, quando chovia, conseguia passar por entre os pingos da chuva sem se molhar.

Cúmulo da delicadeza — fazer vénias ao tefetone.

Cúmulo da ferocidade — matar a fome.

Se tiver piada...

No filme «6.º Ano na Horta» que está sendo rodado agora entre nós, figuram muitos «solteirões», pelo que esperamos pelos acontecimentos sem... esperarmos pelo fim da rodagem.

Safa! Já repararam a quem entregaremos as nossas filhas num futuro mais ou menos próximo? Que epidemia de «Sias» professoras este ano no Magistério! E o pior é que se as suas avózinhas não tivessem nascido, não contribuiriam agora para que o 6.º ano andasse de «casa às costas» como os nómadas, à procura duma aula vaga na «imensidão» do nosso Liceu.

Precisa-se:
—Rapaz com idade de 17 anos, educado, de boas famílias, falando «várias línguas», perfeito (elas é que dizem), herdeiro de um florescente estabelecimento, deseja namorar uma menina mais nova do que ele e com os seguintes predicados: gira como a antepenúltima, ariada como a penúltima e dócil como a última.

Aceitam-se propostas endereçadas à nossa redacção e em meia folha de papel selado (para dar lucro ao estabelecimento).

Como nasceu o «ARAUTO»

(Conclusão da 1.ª página)

a todos, rapazes e raparigas, sem distinção para que nos dêem a sua colaboração, da qual muito necessitamos, «Não tenho «jeito» para escrever» — alega a maior parte. Não é assim, porque «Querer é poder» e com um pouco de boa vontade de cada um tudo se poderá levar a bom termo. Os assuntos são variadíssimos e as exigências pequenas, pois é do conhecimento geral que nos iniciamos agora nas lides literárias.

É necessário e justo que todos compreendam que o Jornal é nosso e não de dois ou três.

Os dois ou três

O «Arauto» entrevista o Decano dos estudantes do Liceu Nacional da Horta

É Chico, o Veterano dos Veteranos que nos vai falar:

—Então, Chico, diz-nos, se por acaso te lembras, quantas gerações de «caloiros» tens conhecido através da tua experimentada vida académica neste Liceu?

—Se não me engano foram... nove!

—Como justificas a tua permanência entre nós?

—Devido a ser um pouco... um pouco... compreendem!

—Conta-nos uma alegria e uma tristeza, por que tenhas passado como estudante.

—Como estudante considero a minha maior alegria o momento em que me vi completamente livre do 2.º ciclo—até parecia mentira—e como antítese desta relembro a primeira vez que perdi o ano. Foi no 3.º. O professor de História disse-me que não me dava nota para passar e eu... chorei.

—Descreve-nos o mais académicamente possível uma dessas peripécias que muitas vezes se passam na aula e em que tenhas sido protagonista ou então a que tenhas assistido.

—Numa certa aula de Geografia estava um aluno a ser chamado. O professor fez-lhe uma pergunta muito fácil a que aquele não respondeu. Nós outros rimos da sua ignorância, e ele ofendido virou-se para a «malta» e disse: — «Eu sei, mas não digo».

—Na tua opinião qual é a melhor tática para passar um ano?

—Jogar de cabeça.

—Podes-nos revelar o que farias se fosses nomeado por um dia, reitor deste Liceu?

—Sim. Não faria nada de especial a não ser a colocação de campanhas mais fortes nas aulas para chamar pelos contínuos.

—O que julgas que as

que tenhas estudado. Porquê?

—A melhor, Matemática, porque nela lá vou passando sem me aborrecer muito. A pior foi (que esplêndido pretérito perfeito! Safa!) História, porque nem dei nela nem ela deu em mim.

—O que é que pensas da nossa «malta»?

—A nossa «malta» é «very nice», apenas com o parêntesis de não querer nada com o trabalho. «Tacho e cama mole» é o seu lema.

ANEDOTA verídica

Na aula de Mineralogia 4.º ano (1954-55)

Professor — Então diz-me lá donde se extrai o ferro no nosso País?

Machado (em tom des preocupado) — Sei lá!

Professor—(condescendente)—Por exemplo, cá no Faial encontras ferro?

Machado—Sim senhor. Encontro por aí muito ferro velho.

Os livros

(Conclusão da 1.ª página)

mais angustioso é o de não nos interessarmos devidamente pelas literaturas religiosas, para mais tarde sermos autênticas e autênticos atletas na matéria da nossa Religião.

Se num dado momento alguém nos pedisse para falarmos sobre qualquer escritor de livros de formação moral ou intelectual, apostaria como seriam bem poucos, capazes de dissertar sobre este assunto.

Vemos ainda, que somente uma média de 4% dos alunos sente prazer em ler a poesia, compreendendo-a. E, quando se fala neste ou naquele poeta, não sentem interesse algum. Pelo contrário, muitos supõem que os poetas são apenas fabricantes de rimas. Não. Ele é muito mais do que nós todos podemos supor.

Se não me engano, li não há muito tempo numa das obras de Henry e Dana L. Thomas, que a palavra «poeta» provém do grego «poietes» que quer dizer «criador, inventor», aquele que escreve palavras musicais e cria inúmeros pensamentos belos. O poeta é ainda, segundo Carlyle, o revelador daquilo que devemos amar. Lord Tennyson disse que o poeta conseguia «mergulhar no futuro», isto é «até a uma distância muito superior a todos os entes humanos, imaginando a beleza da República Universal».

Portanto todos vemos que um poeta é considerado na literatura como um profeta e um mestre.

Bem sei o que custa perdemos o hábito ou gosto pela literatura barata, mas façamos um esforço começando de hoje para o futuro a ter interesse pelas verdadeiras obras, para virmos a ser mais tarde pessoas cultas no verdadeiro sentido da palavra, sabendo-nos expressar diante seja de quem for numa linguagem simples e perfeita, mostrando ao mesmo tempo que somos pessoas instruídas moral e intelectualmente.

Memórias de um cábula

O brincalhão 5.º ano
Mais parece um tribunal.
Sermões sempre todo o ano,
Porque a malta estuda mal.

Toca a sineta, tudo grita
A aula to-la é folia.
E a Senhora Professora
Aí vem dar a geografia.

Abre a linda caderneta,
Ergue-se o réu condenado
E, fazendo uma careta,
Diz: só tenho preguiçoso.

E, começada a sentença,
Tem a palavra o juiz:
—Aponta-me aí Valença...
Mas o réu coça o nariz.

Um quintanista do ano passado

Passatempo

O «Arauto» vai demonstrar que um morto é igual a um vivo. É evidente que meio morto é igual a meio vivo! Logo, 1/2 morto = 1/2 vivo; multiplicando agora os dois termos por 2, teremos: 2/2 morto = 2/2 vivo; logo um morto é igual a um vivo.

Os estudantes de geometria sabem o que é π (pi), e sabem que o seu valor aproximado é 3,1416. No entanto o «Arauto» ensina-vos que o seu valor exacto é representado por 31 algarismos. Basta saber a seguinte mnemónica em francês:

Que j'aime à faire apprendre un nombre utile au rago
Immortel Archimède, artiste, ingénieur,
Qui de ton génie put briser la valeur?
Pour moi, ton problème eût de pareils avantages.

Agora só têm de contar as letras de cada palavra e escrever o algarismo que representa o número delas. Feito isso, encontrarão o «numerozinho» que representa o valor de π.

π — 3,141592652489793238362643383279

1			
2			
3			
4			
5			
6			

1 — Instrumento musical
2 — Mamífero
3 — Peça teatral
4 — Pequeno
5 — Ter prisioneiro
6 — Tijolo cru e seco ao sol

Resolvido o passatempo, ler-se-á na coluna central o nome de um jornal nosso conhecido.

Manuel Maria H. dos Santos
Ver solução na 2.ª página

Curiosidade

Se não sabia, desde já fica sabendo que as distâncias em milhas marítimas do Faial a Lisboa são 908, à Madeira 676, a Sta. Maria 192, a S. Miguel 149, à Terceira 67, a Sta. Cruz da Graciosa 49, à Praia da Graciosa 47, à Calheta de S. Jorge 31, às Velas 21, às Lajes do Pico 19, ao Cais do Pico 16, às Flores 133 e ao Corvo 139.

A milha marítima tem aproximadamente 1.853 metros.

María de Fátima de Oliveira